

Ricardo Azevedo



TRAGO
NA BOCA
A MEMÓRIA
do MEU
FIM

EMBARAÇOSA
JORNADA
DE BASBAQUICES,
INSOLÊNCIAS
E LÁSTIMAS

ea
editora ática

Projeto de trabalho interdisciplinar

Guia do professor

No clássico texto “A importância do ato de ler”, Paulo Freire afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Ora, afirmar a interdependência entre realidade e linguagem, entre processo histórico e criação literária, significa, por um lado, reconhecer que a análise da obra literária não estará completa sem a investigação crítica de elementos concretos da sociedade, do momento histórico, de quem a escreve, em suma, do contexto em que é criada. Por outro lado, significa também reconhecer que a literatura tem um papel importante, talvez fundamental, na formação integral do ser humano.

Desse tema ocupa-se Antonio Candido no texto “A literatura e a formação do homem”. A certa altura, o crítico afirma que podemos dizer que:

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.

(CANDIDO, 2002, p. 85).

E continua:

Isto posto, podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade. (CANDIDO, 2002, p. 85-86).

Ou seja: além de “satisfazer a necessidade universal de fantasia e contribuir para a formação da personalidade”, a literatura exerce igualmente uma “função de conhecimento do mundo e do ser”. Ocorre que essa função formativa da literatura é complexa como a vida concreta, portanto não se deve procurar nela ensinamentos morais, mas perceber como ela contribui para nos humanizar em “sentido profundo, porque faz viver”. A literatura é, ou deveria ser, por isso mesmo, um direito de todo cidadão, tema discutido ainda por Candido no texto “O direito à literatura”.

É por todas essas razões que devemos perceber o ensino da literatura na escola como fundamental, e não pela ideia tradicional de que a literatura é a fonte do Bem, do Bom e do Verdadeiro; tampouco por proporcionar erudição, o que somente garante alunos que deglutem e gravam o máximo possível de autores; muito menos pelo aspecto utilitário de preparação para os processos seletivos da vida. A literatura é, sobretudo, um meio para a humanização profunda. Assim, o professor deve atuar muito mais como um mediador de leitura – propondo a aproximação dos alunos ao texto utilizando estratégias diversas, algumas das quais serão propostas neste guia – do que como aquele que explica a obra, deposita conteúdos e cobra a respectiva devolução do aluno. A literatura é parte da vida de cada aluno, e fazer com que ele perceba essa importância é talvez o único e mais importante objetivo do professor.

A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio parece estar alinhada com essas noções. Ao apresentar o campo de trabalho artístico-literário, afirma que:

[...] a tradição literária tem importância não só por sua condição de patrimônio, mas também por possibilitar a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural do Brasil, sendo ainda hoje capazes de tocar os leitores nas emoções e nos valores. Além disso, tais obras proporcionam o contato com uma linguagem que amplia o repertório linguístico dos jovens e oportuniza novas potencialidades e experimentações de uso da língua, no contato com as ambiguidades da linguagem e seus múltiplos arranjos. (BRASIL, 2018, p. 523).

A obra de Ricardo Azevedo apresenta-se como um objeto privilegiado para o exame de alguns desses aspectos, justamente por seu trabalho especialíssimo com ficção e recriação histórica, em que a linguagem e a representação das mentalidades de determinados espaço e época (o território do século XVI que hoje é denominado Brasil) têm lugar central. Assim, *Trago na boca a memória do meu fim* permite ao professor que trabalhe diversas habilidades presentes na BNCC, tais como:

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente. (BRASIL, 2018, p. 526).

É notável o modo como o livro de Ricardo Azevedo suscita vários dos elementos mencionados, com destaque para o diálogo estreito da história do livro com o nosso presente.

O objetivo deste Projeto de trabalho interdisciplinar é, portanto, propor algumas chaves de leitura para que o professor apresente a obra aos alunos, participando com eles do percurso de aprendizagem e descoberta.

Antes de ler o livro

Trago na boca a memória do meu fim é uma obra de ficção baseada em aspectos históricos do Brasil colonial. Em termos de gênero literário, trata-se de um romance histórico. Contudo, no interior do livro é possível encontrar exemplos de diferentes gêneros narrativos que compõem a tessitura do romance: desde a narrativa de aventuras, anunciada pelo subtítulo “embarçosa jornada de basbaquices, insolências e lástimas”, passando pelas lendas e pelo conto maravilhoso, até traços dos relatos de viagens e de anedotas, que comparecem como uma espécie de hipertexto no livro. Esses elementos todos, que pertencem ao registro literário escrito mas também remetem ao âmbito das narrativas orais, constituem um material riquíssimo para o trabalho com o jovem leitor.

Motivação para a leitura

Antes de iniciar a leitura do texto propriamente dito, explore as informações que o antecedem, como título, autor, os textos das orelhas e da quarta capa. A ideia, aqui, é preparar o trabalho de leitura com base na reflexão e no debate. Para tanto, os alunos devem levantar hipóteses acerca da obra. Abaixo, sugerimos algumas questões motivadoras.

1. Pergunte aos alunos o que o título sugere a respeito do enredo. Levante algumas hipóteses com base no que eles disserem. Caso os alunos sintam dificuldade de compreender as palavras que compõem o subtítulo, proponha a eles que procurem o significado delas no dicionário. Procure fazê-los refletir não somente sobre o que esperam do enredo, mas também sobre o que esperam da linguagem do romance.
2. Leia em sala de aula os textos da quarta capa e das orelhas do livro. Chame a atenção para as referências intertextuais que devem aparecer na obra e para o fato de ela focar a vida colonial no Brasil. Pergunte aos alunos o que sabem desse período da história brasileira:
 - “Quem vivia aqui?”
 - “Como foi a colonização do ponto de vista dos colonizadores e do ponto de vista dos indígenas?”
 - “E a escravidão? Como foi para os senhores e os escravizados?”
3. Proponha aos alunos que realizem uma pequena pesquisa sobre o Brasil no século XVI.
4. Leia com os alunos as informações biográficas e bibliográficas sobre Ricardo Azevedo contidas no livro. Pergunte se já leram algum livro do autor; comente um pouco sobre sua extensa produção literária, os temas de que já tratou e o trabalho de pesquisa que embasou a construção desta obra. Proponha que façam uma pesquisa sobre o autor na internet e confirmem que outros livros dele podem ser encontrados na biblioteca da escola.

Depois da leitura

O texto e o contexto

Nesta seção, propomos algumas questões de trabalho que envolvem tanto aspectos textuais, da forma literária propriamente dita, como aspectos do contexto ao qual a narrativa remete. Aqui, também é possível verificar a validade das hipóteses elaboradas pelos alunos antes da leitura, eventualmente desenvolvendo-as em uma investigação mais aprofundada.

1. Após a leitura, o professor deve estimular os alunos a compartilhar suas opiniões sobre a obra, de maneira bastante livre, ainda sem a preocupação de aprofundar a crítica, mas já os orientando de modo que sempre justifiquem suas respostas, mesmo as mais opinativas. Dessa forma, desenvolve-se o espírito crítico e investigativo, bem como o respeito às ideias.
2. Depois desse primeiro compartilhamento de impressões, o professor retomará o trabalho prévio à leitura, levando os estudantes a cotejar as hipóteses anteriormente levantadas com as opiniões atuais sobre a obra. Algumas questões motivadoras podem ser:
 - “A história está de acordo com o que você esperava?”
 - “Como os aspectos históricos do Brasil colonial, pesquisados por você antes da leitura, aparecem na obra?”
 - “E os aspectos ficcionais? De que modo são trabalhados pelo autor?”

Interpretação do texto

Um aspecto fundamental da obra é o problema da escravidão no Brasil, tanto a dos africanos como a dos indígenas. A obra de Ricardo Azevedo traz diversas passagens muito fortes e importantes sobre esse tema.

Várias delas estão no capítulo 22, em que o defunto Gil Vianna demonstra sua indignação com o fato de o narrador se apaixonar e querer viver com Lourença, e não apenas usá-la ou violentá-la, como era de praxe:

— De pretinhas para poder gozar, ter cafungagens e fodinchices estão essas Ilhas do Brasil recheadas. (p. 136).

— Pois no lugar de uma mulher branca, cristã, apumada e ditosa, apesar de avançada nos anos e casada, preferiu a companhia de uma preta? De uma mulher tão somenos de vosmecê?

E de novo desalastrou sua cantilena de que eram os negros, assim como os pretos da terra ou os mouros ou os judeus, frisou ele, uma casta de menos valia, uma raça cheia de sujidades e mais próxima dos animais do que de verdadeiros filhos de Deus.

Repliquei. Disse que pelos anos que tinha de vida percebia que eram os pretos, assim como os índios, filhos de Deus como são os portugueses, os franceses e os ingleses. Lembrei a ele que os mais abarbarados crimes, fraudulências e crueldades das Índias do Brasil não eram, que soubesse eu, praticados por pretos e índios, mas sim por gente branca, gente rica e poderosa, fidalgos afazendados chamados de homens bons. (p. 139).

É importante que o professor saiba contextualizar esses e outros trechos de teor semelhante, mostrando que uma das intenções de Ricardo Azevedo foi justamente entrar a fundo nas mentalidades do tempo e do espaço em que se passa a história. Daí o uso, por parte dos personagens, de termos como “pretinha”, “pretos da terra”, entre outros, violentos e preconceituosos. Gil Vianna destila seu racismo sobre todos os que não são brancos europeus; não só indígenas e negros, como também judeus e mouros, apesar de ele mesmo ser mestiço (filho de pai português com mãe índia). Essa ambiguidade, típica da sociedade brasileira, aparece da mesma forma no narrador, que defende os negros no trecho citado, mas em outros momentos da narrativa fala de seu desejo de ter um escravo ou se refere a indígenas como se fossem animais.

1. Procure discutir o tema do racismo não só na caracterização dos personagens, mas também fazendo com que os alunos reflitam sobre seu cotidiano e sobre o Brasil do século XXI. Algumas perguntas possíveis são:
 - “Em que medida o racismo persiste ou se manifesta?”
 - “Você já presenciou ou vivenciou um episódio de racismo?”
 - “Que formas hierárquicas, geográficas e políticas do Brasil são marcadas pela escravidão e por suas consequências?”
 - “O que você sabe sobre as comunidades quilombolas? E sobre a luta dos indígenas pela proteção e demarcação de suas terras e preservação das florestas? Como isso pode afetar a sua vida?”

Outro aspecto importante do livro, também ligado ao exame das mentalidades, diz respeito às visões do inferno e do paraíso; à religiosidade e à cosmologia, tanto dos colonos portugueses como dos brasileiros, dos indígenas e dos negros. No Brasil do século XVI, além da visão católica sobre vida e morte, que já era bastante gráfica e permeada de superstições, havia uma série de lendas e crenças animistas que povoavam os pensamentos e sonhos das pessoas. Acreditava-se em Deus e no diabo personificados; na existência de almas penadas e de mistérios e magias; em santos e também em fantasmas. O mundo dos vivos e o dos mortos comunicavam-se o tempo todo. Histórias como as das visitas a Pedra Botelha e Brites Marques; das prescrições médicas que envolviam evitar banhos frequentes e fugir da lua cheia; da crença na possessão como explicação para crimes – “[...] Só posso crer que, num instante desprezando, tenha sido eu tomado pelo próprio Satanás, pelo astucioso e mendaz anjo das trevas, para quem às sem-razões nunca faltaram razões.” (p. 84) – revelam essa visão de mundo. A existência do personagem Gil Vianna é também representativa desse outro modo de consciência: uma alma penada que volta ao mundo dos vivos para pagar seus pecados e tentar se livrar do inferno, associando características sobrenaturais a outras bastante humanas e concretas.

2. Trabalhe a intertextualidade com os alunos. No livro há diversas referências a outros autores, obras, formas e temas literários, que merecem ser exploradas. O protagonista do romance, o narrador, remete a pelo menos duas: Macunaíma, o “herói sem nenhum caráter” de Mário de Andrade; e, genericamente, ao herói picaresco dos romances espanhóis do século XIX, uma espécie de malandro. O personagem de Gil Vianna remete, pelo nome e pela função que ocupa, ao escritor português Gil Vicente, especificamente a seu *Auto da Barca do Inferno*. Já o personagem Campos Carvalho é uma homenagem direta ao

escritor Campos de Carvalho (1916-1998); os capítulos em que aparece, 23 a 25, foram construídos com base na obra desse escritor. No último capítulo do livro, o autor recorre à moderna técnica do “fluxo de consciência”, que costuma nos remeter à obra de Clarice Lispector. O tom geral da narrativa, contudo, lembra os textos do início de nossa história literária: cartas e relatos de viajantes, textos de catequese, etc. A lenda da terra das icamiabas, além de novamente remeter-nos a *Macunaíma*, porque ali é trabalhada por Mário de Andrade, faz referência, sem intermediários, ao imaginário lendário indígena, assim como a lenda da “Terra sem males”. Explore essas referências procurando pensar com os alunos por que são usadas no momento em que são usadas; ou seja, analise o porquê das escolhas do autor e qual a função delas. Por exemplo:

- “Por que é importante trazer para a narrativa utopias de libertação popular, como as icamiabas e a ‘Terra sem males’?”
- “Por que o autor decidiu narrar o último capítulo como um fluxo de consciência do narrador?”

O capítulo 27 oferece um bom exemplo para análise de aspectos sociais e políticos. Nele, o narrador relata a revolta dos fazendeiros com o pagamento do quinto à Coroa portuguesa e menciona esquemas de desvio de dinheiro, corrupção no sistema judiciário, conchavos entre os membros das elites, nepotismo, entre outros problemas.

3. Procure motivar os alunos a refletirem juntos sobre o passado e também sobre o presente. Pergunte:
 - “Em que medida esses problemas têm a ver com o Brasil atual?”

Ricardo Azevedo incluiu em sua narrativa diversos costumes e crenças do Brasil quinhentista, relacionados tanto à cultura do colonizador como à do colonizado e do escravo, que aparecem com grande riqueza de detalhes.

4. Chame a atenção dos alunos para esses aspectos, que vão desde alimentação e vestimentas até práticas medicinais e de cura.
5. Peça aos alunos que levantem alguns desses trechos da obra, como este na página 29: “Nos casos mais graves e extremados, mandava o físico Espinheira abrir-se as vias traseiras dos enfermos e nelas injetar, por meio de canudos fabricados com folhas grossas colhidas no mato, um líquido escuro e oleoso de grande poder curativo feito com pimenta, pólvora, óleo de mamona e tabaco de fumo”. Ou, ainda, o costume indígena de usar lagartas para aumentar o prazer sexual.

Linguagem

A linguagem da obra é especial: Ricardo Azevedo trabalha com modos de dizer e vocábulos do português quinhentista. Apesar do estranhamento inicial, o leitor rapidamente entra no universo da narrativa, percebendo que não haveria melhor modo de contá-la do que usando essa linguagem, que remete aos textos dos primórdios da literatura brasileira: os relatos de viajantes, os primeiros colonizadores (como a Carta de Caminha), os escritos dos padres jesuítas (como Anchieta), entre outros.

1. Aproveite para trabalhar com os alunos a interdependência entre forma e conteúdo; o fato de que não se pode separá-los totalmente e de que, quanto mais a forma do texto estiver de acordo, em sentido profundo, com a matéria narrada, mais bem-sucedido será o conteúdo.
2. Procure mostrar aos alunos que, apesar do vocabulário raro, cheio de arcaísmos, é perfeitamente possível entender a história pelo contexto – o que não impede a consulta ocasional ao dicionário.
3. Selecione um trecho da obra e analise com os alunos, mostrando não só o uso de termos arcaicos e específicos, como também o trabalho com a sintaxe, muitas vezes invertida, indireta, à moda dos textos quinhentistas.

Bate-papo e pesquisa

Ainda referente ao trabalho com a linguagem, levante com os alunos alguns dos termos de origens indígena e africana usados pelo autor e analise-os.

Com base nessa análise, proponha uma pesquisa sobre a presença e a influência da cultura indígena e negra no Brasil. A pesquisa deverá incluir não apenas vocabulário, mas também outras categorias. Divida a turma em grupos e proponha a cada um deles que cuide de um dos seguintes temas:

- a) linguagem (nome de lugares e logradouros, nomes próprios, de objetos);
- b) comidas (mandioca, farofa, feijoadá);
- c) danças e lutas (samba, capoeira);
- d) música.

Além da internet como instrumento de pesquisa e, eventualmente, da biblioteca, proponha aos alunos que façam entrevistas e pesquisas de campo para verificar essas influências – por exemplo, eles podem realizar uma saída pelo bairro para anotar os nomes das ruas, averiguar se há nomes indígenas, entrevistar moradores e comerciantes sobre os significados e as origens desses nomes.

Nesta atividade, seria bem-vinda a participação de professores de disciplinas como História e Geografia, inclusive para auxiliar na metodologia de pesquisa de campo e nas entrevistas.

Produção de texto

Proponha aos alunos que exercitem a escrita de algum gênero textual presente no Brasil colonial. Pode ser uma carta, um discurso, uma pregação, um relato de viagem, um diário, um poema, entre outros.

Para a execução do trabalho, sugere-se o seguinte passo a passo:

1. Pesquisa sobre as manifestações literárias no Brasil entre os anos 1500 e 1600. Quem escrevia? Como era a questão do letramento? Qual o propósito e a necessidade desses textos? Quem os lia?
2. Escolha de um gênero textual como modelo.
3. Definição do tema que desejam trabalhar. Atenção: Os alunos podem escolher um tema histórico, relacionado à leitura e à pesquisa sobre a obra de Ricardo Azevedo, como o processo

de colonização, a escravidão, a cultura indígena, a religiosidade, entre outros. Podem também selecionar um tema mais atual que se relacione de algum modo com nosso passado colonial. Por exemplo, a situação das populações indígenas e quilombolas no Brasil de hoje, a herança cultural dos povos indígenas, as migrações de brasileiros para Portugal ou a influência da cultura portuguesa na cultura brasileira, entre outros.

4. Escrita do texto. É importante não perder de vista os aspectos formais do gênero textual escolhido; no processo de escrita, também será possível refletir sobre a historicidade de determinados gêneros textuais e a possibilidade (ou não) de deslocá-los no tempo/espço. Por exemplo, se a escolha for uma carta, cabe refletir se é um gênero ainda praticado no século XXI, por quem, com qual propósito, por quais meios, etc.
5. Revisão do texto produzido.
6. Primeira entrega com devolutiva do professor, orientando uma possível reescrita.
7. Escrita da segunda versão do texto.
8. Roda de leitura em que os alunos lerão os textos produzidos. Cabe ao professor decidir se haverá seleção ou se todos lerão os textos.
9. Debate, comentários, sugestões e críticas com a mediação do professor.
10. Entrega final dos textos e publicação no *blog* da turma sobre o Brasil colonial, que é a última atividade proposta.

Para saber mais

Para saber mais dos primeiros momentos da nossa literatura e do contexto em que os textos foram produzidos, sugerimos:

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

Caso deseje aprofundar o tema da morte e das crenças que existiam sobre ela na Idade Média, recomendamos a leitura das obras:

MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Sobre as descrições de céu e de inferno presentes na obra de Ricardo Azevedo, recomendamos as obras:

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

PATCH, Howard R. *El otro mundo en la literatura medieval*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

Para compreender o que foi a escravidão, suas repercussões humanas e sociais até os dias de hoje, é preciso conhecer as suas raízes. Estes livros contribuíram para a criação dos personagens negros do livro *Trago na boca a memória do meu fim*:

LARA, Sílvia Hunold. *Campos da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Vozes, 2016.

Esta série de documentários mostra como a violência e os conflitos armados atravessam toda a nossa formação, do “descobrimento” à atualidade:

GUERRAS do Brasil.Doc. Direção e roteiro: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes; EBC/TV Brasil. São Paulo: Netflix, 2019. 5 episódios (130 min).

Classificação: 12 anos.

Fazendo arte

Analise com os alunos o projeto gráfico de Rafael Nobre, a capa, as imagens iniciais, que incluem a gravura de um indígena e uma cena em que o céu se abre para os anjos tocando trombetas e as pessoas sobre a terra (indígenas e brancos) demonstram temor. Aborde a relação dessas imagens com a narrativa. Observe com eles a abertura de cada capítulo, “emoldurada” pela vegetação nativa do Brasil.

Em seguida, sugira que pesquisem exemplos de arte produzida na época colonial, buscando responder às questões: O que os artistas, brancos e europeus, retratavam? Como o faziam? A pesquisa pode render um bom debate sobre representação artística como forma de poder e doutrinação.

Finalmente, os alunos escolherão uma cena da narrativa para trabalhar na aula de Arte, fazendo uma ilustração que remeta a ela ou que a represente diretamente. É desejável que cada aluno escolha uma cena diferente. Desse modo, a turma terá, ao final da atividade, um panorama do livro por meio das imagens. O resultado do trabalho pode ser exposto depois em um mural da escola. Também pode ser digitalizado e integrar o *blog* da turma.

Criação de um *blog*

Os alunos criarão um *blog* sobre o Brasil colonial. A ideia é que ele seja planejado e desenvolvido de forma interdisciplinar, feito em colaboração com professores de História, Geografia e Arte. O *blog* deve ter seções para cada tópico escolhido, tratando desde os aspectos da vida privada (como alimentação e habitação) até os da organização política e geográfica. É importante que se dê particular destaque para o tema da escravidão, das populações indígenas e africanas, e o da presença delas na cultura brasileira concomitante à herança portuguesa.

O *blog* pode ser composto de diversas seções e será uma excelente oportunidade para que o professor trabalhe diferentes tipos de texto: informativo, dissertativo, argumentativo, narrativo, poético, etc.

Além de textos produzidos pelos alunos, o *blog* pode abrigar textos originais da época, selecionados com base nas pesquisas realizadas.

Leia também

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Ubu, 2017.
Edição mais recente do clássico modernista de 1928, com ênfase nas fontes indígenas do autor.

BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

O autor investiga nossa história, os fundamentos de nossa formação política e social, fazendo uma análise que nos ajuda a compreender o presente do país.

CARVALHO, Campos de. *A lua vem da Ásia*. São Paulo: Autêntica, 2016.

Livro emblemático do autor homenageado por Ricardo Azevedo no personagem Campos Carvalho. O *nonsense*, o surrealismo, o humor e a crítica social são algumas das características da obra de Carvalho.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

_____. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 16. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2004.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.